

Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série
NÚMERO 10

Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade
Guimarães, 30 de Julho de 1930

Redacção e Adm.: P. D. AF. HENRIQUES, 11.
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

Ecos. Notícias. Comentários.

Concluíram a formatura em Direito, respectivamente em Coimbra e Lisboa, os srs. Drs. Bento Caldas e Armando Teixeira de Faria.

Desejamos-lhes, na linda mas árdua profissão que escolheram, as maiores prosperidades.

*

Inconstante, incerto, vário, como as mulheres, o senhor Tempo...

Hoje chuva, amanhã sol; hoje quente, marroquino, amanhã frio, siberiano. Estamos no verão e ainda mal o vimos.

A Penha, no que respeita a variabilidade do Tempo, tem sido de uma *macaca* a toda a prova... No S. João foi o que se viu. Desmanchou-se a festa, a poder de chuva, muita chuva, torrencial, inclemente. No domingo passado, dia dos caçadores, com jantar ao ar livre, fornecido pelo Paulino, precisamente há hora marcada para o começo da comédia, aí veio a chuva, impertinente, desmanchar prazeres, acabar violentamente com a função. Os comensais tinham o desalento estampado nos rostos. Em todo o caso, a fome é negra!, vimos por lá extravagantes exemplos de heroísmo. Houve quem, resistindo à intempérie, com a intrepidez de *general em batalha difícil*, comesse super-abundantemente, talqualmente como se estivesse, no aconchego do lar, deglutindo o repasto caseiro. Ele há homens para tudo...

Mais feliz foi o S. Tiago. Tendo chovido na véspera, o dia apareceu e manteve-se bonito, alegre, quente — dia de romaria, convidativo —. Antes assim, para regalo dos que foram até à Costa e dos que não foram, porque nisto de bom tempo todos lucrarmos...

*

Publicamos noutra lugar o programa das feiras de S. Gualter. Como revelador da mais completa pobreza franciscana é perfeito, não há dúvida.

Morreram as Festas da cidade. Começou a agonia depois do espanto de 1923. Depois do pleotonismo, a anemia, por fim — cemitério... Pobres Gualterianas! Que saudades ao recordá-las!...

O exemplo, tantas vezes aqui apontado, das terras que, dotadas de condições muito inferiores à da nossa, têm realizado com brilho as suas festas, não moveu nem comoveu ninguém. Pena foi.

Depois das Festas, caberá a vez às feiras. E assim irão morrendo, ante a apatia, o desinteresse, o egoísmo de quasi todos, as nossas mais belas tradições de iniciativa e de vitalidade...

POLICIAMENTO

A respeito deste assunto, já tão estafado, já tão gasto, mas que é sempre e eternamente será, por mal nosso, de palpitate actualidade, estamos tal qual como dantes, quartel general em Abrantes...

O que por aí se passa, o que por aí se observa, desde pela manhãzinha até anoitecer, é pura e simplesmente, uma vergonha.

O rapazio, vagabundeando, em manifesto perigo moral, na aprendizagem dos piores costumes, criando o hábito da vadiagem, continua enxameando por aí, pelos lugares mais centrais da cidade, especialmente pelo passeio onde estão o «Oriental» e o «Toural». O maior centro de reunião são as taboetas do cinema.

Pois senhores, observando-se isto *constantemente* na principal praça da cidade, será possível que a policia, a nossa infatigável policia, não veja?

O que é de mais é... demais.

Quanto a despoliamento, — idem, na mesma data. Ao sol, repimpadas, ali pela Misericórdia e outros lugares... desabitados, é vê-las, às mulherzinhas, catando, tranqüilamente, com a antecipada certeza de não haver quem as incomode, as cabeças piolhosas dos filhos e das filhas.

Seremos só nós quem vê isto? e a policia?

Pelo que diz respeito a prostituição, — o mesmo, para não variar. O horroroso e infame espectáculo continua exibindo-se, num desplante de miséria que causa enjôo ao mais materialão dos seres.

E que faz a policia?

E para que serve a policia?

Eis duas perguntas que não têm razão de ser, como demonstramos com a carta abaixo, que tomamos a liberdade de dirigirmos ao

Ex.^{mo} Sr. Administrador do Concelho:

Mui respeitosa temos chamado a atenção de V. Ex.^a para estes assuntos, mostrando quão urgente se torna solucioná-los de vez, radicalmente. Que nos conste, porém — perdoe-nos V. Ex.^a o dizer — não foi tomada qualquer providência neste sentido. Pelo menos, a policia procede como se nenhuma ordem recebesse. E' natural até que V. Ex.^a as ordens e eles as não cumpram. E' muito natural.

Mas nós dirigimo-nos a V. Ex.^a, especialmente, para, usando do nosso direito de cidadãos, de munícipes, de contribuintes, chamar a esclarecida atenção de V. Ex.^a

para o que a seguir vamos escrever:

Sem dúvida, uma das causas, melhor dizendo, a única causa do péssimo serviço de policia que temos, é esta, que aparentemente parece paradoxal: — **não temos policia**...

Sim, não temos policia — eis a grande verdade. Sete policias não são, positivamente — *policia*. Sete policias são sete policias — nada mais...

Que se pode fazer com sete policias? Nada, pela palavra nada. Pode V. Ex.^a ter, e tem, certamente, vontade de fazer muitas coisas, mas a verdade é que, praticamente, V. Ex.^a não poderá fazer coisa alguma, por falta de matéria-prima.

E', pois, de grande e imperiosa necessidade pôr termo a tão desagradável estado de coisas. Como? Exigindo dos altos poderes, de quem de direito, que no bôdo policial caiba a Guimarães, pelo menos... uma esquadra de policia. Vinte e poucos policias, uma ninharia.

Será impossível conseguir-se isto?

Ora veja V. Ex.^a: outro dia, os jornais de Braga, a propósito, se bem nos lembramos, de uma recente ou próxima remodelação dos serviços policiais, todos se lastimavam por a velha cidade dos arcebispos dispôr *somente* de 120 ou 130 policias (não garantimos o número, mas este é muito aproximado, e talvez para menos...). E os ditos jornais punham em confronto Braga e Coimbra. Cremos até que este assunto subiu em representação ao respectivo ministério.

Será muito, em face do exposto, pedir uma esquadrasinha?

Evidentemente que não. Procedamos como no exemplo supracitado: — quando se fizer o pedido (não será melhor dizer exigência?) demo-nos ao trabalho de estabelecer também uma comparação. E, nesta ordem de ideias, façamos esta reflexão, esta observação, aos poderes públicos:

Cento e vinte policias, para Braga, são poucos? E sete serão muitos... para Guimarães?

Ex.^{mo} Sr.:

Desculpe V. Ex.^a a desenvolta e pouco protocolar forma destes desenfastiados dizeres. Não quisemos dirigimo-nos a V. Ex.^a em estilo de sexta-feira de paixão. Tanto temos lutado pela nossa terra, tantas desilusões temos sofrido e tantas amarguras, tantas, que, em certas ocasiões,

Ecos. Notícias. Comentários.

Realiza-se no próximo dia 3, na Parada dos Bombeiros Voluntários, uma ginkana de automóveis, cujo produto reverterá a favor do cofre daquela benemérita instituição.

E' de esperar que, dada a natureza do espectáculo, sempre alegre, divertido e até, por vezes, emocionante, e tendo em conta os generosos fins em vista, o público acorra em grande quantidade. Fazemos votos porque assim seja.

*

Agora que com os últimos exames, acabou o ano lectivo, não será altura de, uma vez mais, se interceder junto dos Podêres Públicos por que a Guimarães seja satisfeita uma das suas mais queridas e legítimas aspirações, — a elevação do Liceu a Central?

A Sociedade de Defesa e Propaganda vai dirigir ao sr. Presidente do Ministério e ao sr. Ministro da Instrução uma representação sobre o assunto, representação que deverá ser assinada por todas as colectividades locais.

A este problema nos referiremos mais de espaço.

*

Brevemente, talvez a partir do próximo número, iniciaremos uma nova secção — «Para todos» — destinada a publicar colaboração de todos os nossos leitores que, em meia dúzia de linhas e em termos correctos e decentes, desejem abordar qualquer assunto de interesse local ou regional.

*

Na ausência do seu Presidente, capitão Duarte Fraga, em férias na Póvoa de Varzim, assumiu a presidência da Direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães o ilustre e grande artista vimaranense José de Pina.

como os desgraçados sempre perseguidos pela fatalidade, já nem sabemos se devemos rir ou chorar.

Concluindo:

Esta tem por fim instar com V. Ex.^a, uma vez mais, para que, em nome de todos os vimaranenses, continue insistindo, com persistente energia, junto de quem de direito, pela satisfação desta comesinha necessidade: — um decente e eficaz policiamento.

Em tudo quanto fizer pelo bem da nossa querida e tão amada terra, disponha V. Ex.^a sempre, e inteiramente, dos nossos fraquíssimos préstimos.

E a V. Ex.^a enviamos os protestos da nossa mais elevada consideração.

P. V.

“HELENA”

A tarde de sexta-feira 18, foi em Guimarães consternadora e ansiada.

A ida do Dr. Sá até ao Porto e, por má ventura, a caminho de Lisboa, alvoraçava os muitos amigos que lhe conhecem os dotes de professor exímio e os predicados de carácter primoroso.

Por boa ventura se dizia, à tardinha, que logo voltava do Porto numa das caminhetas em serviço.

Ao ar livre do Tournal e nos fundos da Casa Laranjeiro e na Farmácia Sousa e mais onde queriam, os admiradores do Dr. Sá esperavam as caminhetas que não viriam perto das 10 da noite, porque já eram chegadas à hora normal e a gente supunha-as mais tardias.

Afinal a paciência é um remédio que tem muita vaporização, e quando perto das 11 horas da noite chegava o carro com o Libertado querido, já boa parte dos amigos haviam dispersado.

Entretanto o Professor eminente ainda teve abraços que o aquecessem de sobejo.

*
* *

Mas... que é da Helena?

Num dos cavacos noturnos acertou de se falar no Dr. João Aires, nosso Conservador.

Tôda a gente sabe que êle é um jurista de funda cultura.

O que muitos ignoram é que é também um escritor de pena bem apurada e um romancista de fina envergadura.

Falou-se na Helena, a novela querida da sua doce criação.

Logo fomos ali à porta da Vila adquirir o livro e logo o devorámos até pertinho do meio.

Hoje rematámos a empolgante leitura e chegámos ao fim com uma funda estima por essa Helena, heroína e mártir, que, se não sofreu na prosaica e mísera arena da vida real, à vista dos nossos olhos, penou e morreu no largo palco da nossa imaginação, e o seu penar e o seu heroísmo agitam e emocionam as melhores artérias da nossa sensibilidade.

Novela de urdidura muito verosímil, romance de imaginação muito moralizadora, Helena merecia uma 2.^a edição bem mais larga e há-de sempre deleitar e prender os leitores felizes que lhe virem as primeiras páginas.

19-VII-30.

G.

Colónias Balneares Infantis

Partem no dia 1 de Agosto para a praia da Povoia de Varzim as internadas do Azilo de Santa Estefania.

O sarau de arte e caridade realizado com o objectivo de produzir receita destinada às Colónias Balneares Infantis, tem já apurado um saldo de três mil escudos, cabendo a cada uma das três instituições — Azilo de Santa Estefania, Oficina de S. José e Creche vimaranense — mil escudos, provenientes do referido sarau.

O dedicado Vimaranense promotor desta iniciativa das Colónias Balneares, comunica-nos que, embora não esteja conclusa a cobrança, já entregou a cada

UMA GRANDE INICIATIVA

Causou um verdadeiro successo a entrevista, publicada no último n.º de o «Pro-Vimaranense», com o nosso illustre conterrâneo sr. João Teixeira de Aguiar. Essa entrevista marca uma pedra branca na vida do nosso jornal e há-de ter uma reflexão muito importante na vida local.

João Teixeira de Aguiar soube pôr a questão do teatro como ela o devia já ter sido há muito: — com simplicidade. Sempre que se ventilava êste magno assunto, era raro que os scéticos, os pessimistas, não fizessem logo observações sôbre os intransponíveis obstáculos que se deparariam no caminho de quem quisesse abalançar-se a resolve-lo. O nosso entrevistado, com uma notável clareza de exposição, sem habilidades de retórica, em linguagem de simplicidade extrema, demonstra a sem-razão dos grandes receios de tais pessimistas. Como?

— Provando que, ao contrário do que êles pensam, a construção do teatro não é coisa impossível de realizar; provando que, havendo boa-vontade, havendo firme propósito de bem servir, essa construção será um facto, para honra e glória da nossa terra.

Brilhantíssima, a maneira como nessa entrevista é feita a demonstração de que a todos os vimaranenses, mesmo aos de reduzidas posses, é fácil contribuírem para que seja um facto a grande iniciativa.

Tôdas as démarches realizadas até hoje por Teixeira de Aguiar têm sido coroadas do maior êxito, obtendo um caloroso acolhimento por parte de algumas das mais cotadas individualidades vimaranenses.

Hoje, 30, no salão nobre da Associação Comercial, gentilmente cedido para êsse fim, realiza-se uma grande reunião, na qual o problema será ventilado, tendo sido enviado, para êsse efeito, a grande número de vimaranenses, o seguinte convite:

«Ex.^{mo} Sr.

Estando já feitos vários estudos sôbre a viabilidade da iniciativa da construção nesta cidade de uma casa de espectáculos, iniciativa cuja realização há muito

se impõe por absolutamente necessária, e sendo indispensável coordenar todos os esforços e boas vontades dos vimaranenses no sentido de se conseguir levá-la por diante, vimos rogar a V. Ex.^a a fineza da sua comparência a uma reunião que se realizará no Salão Nobre da Associação Comercial, no próximo dia 30, pelas 9 e meia horas da noite, na qual este magno problema será tratado.

Atenta a importância deste assunto, esperamos que V. Ex.^a não deixará de nos honrar com a sua presença, dando assim mais uma prova do muito amor e interesse que a V. Ex.^a merecem tôdas as iniciativas que visam o engrandecimento e progresso de Guimarães.

Subscrevemo-nos de V. Ex.^a com a mais alta consideração.

Guimarães, 21 de Julho-1930.

*Alvaro da Costa Guimarães
Alberto da Costa Guimarães
Gaspar Ribeiro da Silva e Castro
João Rocha dos Santos
João Rodrigues Loureiro
João Teixeira de Aguiar
Simão da Costa Guimarães.*

Este convite, firmado por alguns nomes de individualidades mais em destaque na nossa terra, é, por si só, um documento muito significativo, que demonstra cabalmente a simpatia que tem merecido a iniciativa agora em marcha.

Escusado será encarecer a importância da reunião que hoje se realiza. Dela há-de sair alguma coisa de positivo, de concreto. Não andaremos longe da verdade se afirmarmos que os seus resultados irão causar a mais viva sensação.

A possibilidade de triunfo vai, assim, dia a dia, ganhando cada vez mais vulto. O teatro há-de ser obra dos vimaranenses de hoje. Nada de deixar para os outros aquilo que, de futuro, constituirá motivo de orgulho para todos nós.

Recordamos, a propósito, uma frase que ouvimos há tempos, quando de uma época bastante agitada da nossa vida local: — Os vimaranenses só não têm aquilo que não querem. E' uma grande verdade.

uma das três instituições três mil escudos respectivamente, e um passe da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal.

Resta apenas que os proprietários das camionetes desta cidade transportem gratuitamente as cinquenta crianças da Creche, visto que estas, pela sua pouca idade, não podem fazer a viagem pelo Caminho de Ferro.

Vão ser abastecidas de roupas e agasalhos as crianças da Creche Vimaranense.

Em Vizela. Nova Estação.

Realizou-se no passado sábado, com todo o brilho, a inauguração da nova estação do caminho de ferro de Vizela. Melhoramento que se impunha de há muito,

Programa das Feiras de S. Gualter

Organizadas pela Assoc. Com. e Ind. de Guimarães

Sábado, 2 de Agosto — Bandas de música percorrerão as ruas da cidade, anunciando o início das antigas e afamadas feiras de S. Gualter.

Grande feira de gado bovino, com prémios aos melhores expositores que o Júri encontrar no local da feira, desde as 15 às 16 horas, que serão distribuídos no fim da feira.

A' noite, arraial no Largo da República do Brasil, com iluminações, música e fôgo.

Domingo, 3 de Agosto — As mesmas demonstrações festivas da véspera.

Feira de gado cavalariço, com prémios aos melhores expositores, que serão distribuídos no fim da feira. Durante a distribuição dos prémios far-se-há ouvir no local uma banda de música.

A' noite, concerto no referido Largo, pela Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, iluminações e fogos de artifício, confeccionados por afamados pirotécnicos.

Obras e não promessas

Com muita vivacidade e energia, o nosso colega «Comércio de Guimarães», em local subordinada ao mesmo título que encima esta, dizia, no seu penúltimo número algumas duras verdades, que, pelo nosso lado, também temos, por mais de uma vez, salientado.

Verdades como as que disse o prezado colega, é absolutamente necessário gritá-las bem alto, pô-las a nu, sem receio de ferir êste ou aquele, de melindrar A ou B.

Nós, os da imprensa, temos graves responsabilidades, um pesado encargo moral a desempenhar. Se todos nos concertarmos e rompermos fogo ao mesmo tempo, é muito natural, é mesmo certo que, dentro de bem pouco, das promessas se passará às obras...

O colega compreende-nos, não é verdade?

«Revista de Guimarães»

Recebemos os n.ºs 3-4 relativos a Julho-Dezembro de 1929 (volume XXXIX), da «Revista de Guimarães», publicação da Sociedade Martins Sarmento, que, como sempre se apresenta brilhantemente colaborada, inserindo alguns estudos da mais alta importância cultural.

Sumário: — «Cartas de Martins Sarmento ao Padre Martins Capela»; «Museus, Galerias e Colecções», por Pedro Vitorino; «Colecção de estampas e índice de gravadores», por A. Tibúrcio de Vasconcelos; «Curiosidades de Guimarães. Maltas de salteadores — uma quadrilha de nomeada», por Alberto V. Braga; «Museu de Martins Sarmento», por R. de Serpa Pinto; «O românico no concelho de Guimarães», por Luís de Pina; «Ainda o espólio de Alvão», por Mário Cardozo; «Os cônegos da Oliveira», por Eduardo de Almeida; «Conferência»; «Boletim», por Francisco Martins; «Registo Bibliográfico».

A "Questão da Luz,"

Continua no mesmo pé, como costuma dizer-se, a chamada *questão da luz*. Pois é absolutamente necessário, até para decôr de todos nós, que ela acabe — e depressa. Assim é que não pode ser.

Arranje a Câmara o caso com o concessionário, ou sem êle, ou como entender ou puder. Tanto monta, desde que, de qualquer forma, não atropelle o que fôr de direito. O que se deseja é — luz, com a mesma intensidade de antes da tal questão.

Quanto ao fundo desta não pode conhecê-lo bem o público, nem nós, por carência de elementos.

O concessionário diz que a culpa é da edilidade, esta afirma que é do concessionário.

Quem tem razão?

Gostaríamos muito de a dar a quem a tivesse, mas, com franqueza, franquezinha, ainda não sabemos quem é. Fica para quando nos derem, e ao público (sim, porque o público também gosta de saber destas coisas), elementos bastantes para, com segurança, nos podermos pronunciar.

Mas... punhamos de parte a *questão* e vamos ao que importa, isto é, à necessidade de termos luz com igual intensidade à que havia antes de ter surgido a treva.

Há dias, há bem poucos dias, estavam entre nós meia dúzia de visitantes, de turistas, que, depois das costumadas visitas e das clássicas voltas por S. Torcato, Penha, etc., jantaram no «Toural», reservando a noite para passearem pela cidade. Era lindo de vêr-se o espanto de todos êles. O espanto e a indignação. Que não podia ser; que a cidade parecia iluminada a candieiros de petróleo; que só em terra de pretos — etc., etc., por aqui fora no mesmo tom...

E resposta a dar-lhes?...

Estamos na época em que Guimarães mais é visitada. Como aqueles a que atrás aludimos, todos os que vierem hão-de, forçosamente, ter as mesmas indignadas exclamações e aceradas críticas.

Antigamente, em casos como êstes, era vulgar dizer-se: «Parece que estamos em Marrocos». «Isto é Paio Pires»...

Hoje... hoje nem isto se pode dizer. Marrocos está modernizado, com grandes e belas cidades, e Paio Pires, a tão maltratada e ridicularizada, é uma terra portuguesa, que se desenvolve cada vez mais...

Pelo que nos tempos que vão correndo, mais próprio será dizer-se: «Isto é em Guimarães. Pior do que isto só... em Guimarães».

E está tudo dito.

Calçado para quarto; grande sortido de calçado de pelica. Sapatos de cabedal com sola crepe para senhora a 24\$00. Sapatinhos de verniz, bébé, desde 6\$00. Sapatilhas e sapatos de borracha. Só na Casa Martins.

Meias e peúgas

O maior sortido. O melhor gosto.

O mais barato.

Só na Casa das Gravatas.

A TUBERCULOSE

O Estado, pobre como é, pouco poderá fazer na luta a empreender contra o pavoroso flagelo.

Venha-lhe a pobreza da nossa desorganização política e social, da má administração dos dinheiros públicos ou da fraca exploração dos nossos recursos naturais, que a tudo isto ela se tem atribuído, o que é certo é que o Estado se vê na contingência de usar do meticuloso conta-gotas na repartição dos seus benefícios. Ora, para combater o mal são precisos muitos milhares de escudos, muitos milhares de contos, tantos que será cegueira esperar que do Estado nos venham. E se dêle nos não podem vir, onde ir buscá-los?

Caso grave êste, mas não tão grave que nos imponha, como recurso supremo, uma consulta à *santinha* de Fafe ou ao famoso livro de S. Cipriano.

Há tempos, alguns países do norte europeu correram perigo igual ao que nós corremos hoje: a peste branca dizimava-lhes a população, levando a morte e o pavor a todos os lares. As estatísticas, tal qual como as nossas, acusavam cifras espantosas na mortalidade devida à tísica. Falaram os técnicos, gemeram os prelos, e, dentro em pouco, estava traçado um plano de ataque, no qual as principais posições eram ocupadas pelo município e pelo indivíduo. O Estado só coadjuvava, promulgando medidas atinentes a tornar eficazes os esforços do indivíduo, facilitando ao município a aquisição dos meios necessários. E, como que por encanto, o mal decresceu, e debelou-se totalmente em muitas partes, a ponto de a morte pela tísica nesses países aparecer agora em percentagens desprezíveis ou quasi desprezíveis. Foi um milagre, um autêntico milagre, não da fé, mas da solidariedade e da fraternidade bem entendidas. Em todos os centros atacados surgiram os sanatórios para isolamento e pelas vilas e cidades multiplicaram-se os balneários e os postos médicos para as classes pobres. A assistência particular fez prodígios, ninguém se poupando a sacrificios, aos mais pesados sacrificios, para subjugar o perigo. Por tôda a parte as medidas de higiene eram as primeiras a ser executadas. Higiene nas ruas e higiene nas casas, nos logares públicos e nas oficinas.

E como a doença em questão ataca mais, é obvio dizê-lo, as classes pobres, o proletariado, foi para estas que se voltaram tôdas as atenções. Remodelaram-se os sistemas de trabalho e assalariamento, reorganizaram-se as escolas e a habitação, facilitaram-se as diversões educa-

doras, cuidou-se da alimentação, do vestuário, etc., etc. Fez-se tudo o que é humanamente possível fazer-se e o milagre realizou-se. Sem alardes, sem precipitações, mas com a urgência que a gravidade do caso exigia, todos concorreram para a extinção do perigo, cada um dentro das suas possibilidades. A criança foi objecto de particulares cuidados, de carinhosa e devotada vigilância. Abriram-se-lhes jardins e parques, logares de recreio e escolas apropriadas; deu-se-lhes a alimentação conveniente, o movimento sadio, o ar e a luz tonificantes, a habitação condigna, assim selhes insuflando novos hábitos e novas energias, dêste modo se preparando a geração reparadora.

Fez-se isto e só isto em alguns estados do norte europeu, como nós duramente flagelados pela tuberculose, e é isto e só isto que em Portugal se tem de fazer.

No tempo em que as pedras davam uvas e o pão de bolota talhava os dentes à pobre humanidade, um elixir havia, universal panacea, de *miraculoso* poder em tais casos. Era a oração e o suplementar fia-te na Virgem; hoje, como se está vendo, como vamos ver, a cousa é outra.

DÓRIO.

Bairro Económico

E' Guimarães um concelho que tem uma grande percentagem de população operária, devido ao extraordinário desenvolvimento das suas indústrias.

Por isso mesmo aqui se deveria ter já (e há que tempos...!) construído bairros operários, não só de iniciativa oficial, mas também de iniciativa particular, seguindo-se assim o exemplo de outras terras que dêles não precisavam tanto como a nossa.

E' assunto a debater. Vamos, porém, ao que agora nos importa.

Uma câmara recente resolveu mandar construir, na Avenida do Capitão Alfredo Guimarães, um «bairro económico», — uma dezena de habitações, se tanto, para serem alugadas por famílias de magras posses. Estão essas habitações prontas há muitos meses — e, de se lhe dar o destino para que foram construídas, puzeram-se em arrematação. Não houve, segundo parece, quem lhes pagasse. E elas lá ficaram, sem produzir qualquer benefício, abandonadas, não sabemos á espera de quê.

Pergunta-se:

— Que tenciona a Comissão Administrativa fazer delas?

— O que impede que elas sejam alugadas?

Este número foi visado pela comissão de censura

Junta Geral do Distrito

Como pupilas da J. G. do Distrito e sob a proposta do nosso delegado a este organismo administrativo, foram admitidas oito crianças no Asilo de Santa Estefania.

*

O sr. A. L. de Carvalho acompanhou ao Sanatório Marítimo de Gelfa três crianças doentes desta cidade, que ali ficam em tratamento. São cinco as crianças de Guimarães que ficam beneficiando do tratamento naturista deste excelente Sanatório. Igualmente foi portador o nosso amigo de uma ordem de pagamento de doze mil escudos — subsídio que a J. Geral concedeu ao prestante estabelecimento, instalado em Ancora.

Diz-nos o activo delegado deste concelho na J. G. que diligência conseguir mais largo acolhimento de crianças doentes do distrito no Sanatório de Gelfa, estudando para isso uma proposta que habilitará a Junta ao uso dessa faculdade.

*

Por proposta aprovada na Junta, foi deliberado erigir na *Citânia* um obelisco em homenagem ao sabio Martins Sarmiento — glória insigne que honra a sciencia nacional.

Foi encarregado de elaborar o projecto o architecto sr. Baltazar de Castro, director dos Monumentos Nacionais (Norte).

*

Igualmente se propôs a Junta ajudar a publicação de uma monografia sobre o notável jasigo arqueológico, apreciavel publicação de que será autor o sr. Capitão Mário Cardoso.

*

Pelo extrato das últimas sessões, vemos que coube ao nosso delegado o estudar duas questões de importancia para este organismo administrativo: uma relativa ao Collegio dos Orfãos de S. Caetano, e outra que diz respeito á sua secretaria.

*

Ainda se não realizou a reunião hospitalar que, a pedido do nosso delegado á junta, se deve efectuar para estudo de vários assuntos que interessam á assistência deste concelho.

O Toural

Pelo que vimos, a Câmara mandou arrelvar a parte ajardinada da Praça D. Afonso Henriques.

Merece louvores a resolução.

Mas não é só arrelvar. E' preciso dar á praça um ar decente, moderno, civilizado. Tal como tem estado até agora mais parece uma horta do que outra coisa.

Ao menos, trate-se das coisas que mais podem ferir a atenção dos visitantes. O Toural é o centro do burgo; deve porisso ser como que uma sala de visitas, apresentável, convidativo, alindado com bom gosto.

E' o que o município se propõe fazer?

Pregunha-se...

— Quando é removido da viela do Montepio o montão de pedras que há tanto tempo lá está?
 — Quando acaba o secadouro da Rua Dr. José Sampaio (Hortas)?
 — Quando será concertado o *inchaço* do passeio da Rua 31 de Janeiro, do lado da Estação Telegrafo-postal?
 — Quando serão tomadas medidas eficazes para se acabar com a regateirice na praça do mercado?
 — Quando começa a ser asfaltada a Avenida Cândido dos Reis?
 — Quando se fecha o barracão da Rua de Gil Vicente, que, tal como está, não possui as devidas condições para continuar aberto, segundo o parecer da comissão que o vistoriou?
 — Quando se concertam os candieiros da iluminação pública que há tanto tempo estão partidos?
 — Quando começam as tão anunciadas obras do Largo de S. Francisco?

Pavimentação

Com o sentido de melhorar a pavimentação das ruas da cidade, que é positivamente horrível, encomendou a Câmara uns tantos milhares de paralelepípedos. Lêmos isto nas gazetas, ainda o «Pro-Vimarane» não tinha reapparecido.

Tendo estranhado, no nosso 7.º número, que ainda nem sequer se tivesse esboçado o começo dos respectivos trabalhos, escreveu-nos um leitor, que, segundo parece, é dado a cálculos, afirmando-nos que só para o ano de 1950 teremos cá todos os milhares de paralelepípedos encomendados.

Baseou-se êle, para chegar a esta conclusão, no facto de o transporte dos referidos paralelepípedos se fazer à razão de carro de bois por semana.

Terá razão o calculista?

Aqui deixamos a pergunta, para ser respondida por quem de direito...

Avenidas novas

Eis aqui uma designação pomposa. Quem a ouvir alumiaria, naturalmente, com a impressão de que temos, na rialidade, avenidas novas... E' uma coisa assim a modos de lisboêta, que nos dá um certo ar...

Conservêmos a nomenclatura, para dôce engano nosso e de estranhos, e façamos realmente as sobreditas avenidas novas dois breves e simples reparos.

Primeiro: — Há quem faça delas campo de pastagem. A principio julgamos que se tratasse de um ou outro abuso isolado. Não senhor, — é costume.

Está certo?

Segundo: — Apesar de a imprensa local ter chamado várias vezes a atenção de quem de direito para o lastimável estado em que se encontra a entrada da cidade pelo lado da estrada de Fafe, ainda até hoje não foi resolvido concertá-la, de maneira a não nos envergonhar. Parece que se espera que venha o inverno para ficar, de novo, completamente intransitável.

Está certo?

MENDICIDADE

Guimarães converteu-se nos últimos tempos, em quartel general dos mendigos do norte. Como quer que Santo Tirso não os tolere, nem Braga, nem Porto, nem Fafe, resulta que todos êles vêm ter à nossa terra, onde sabem não haver estabelecidas quaisquer medidas repressivas.

Em certos dias, especialmente nas vésperas de festividades ou romarias, o contingente sobe de uma maneira extraordinária, aparecendo mendigos a todos os cantos, numa exhibição de extrema miséria que choca os nervos dos mais empedernidos.

Somos dos que têm a maior compaixão por todas as desgraças; como podemos, com os poucos recursos de que dispomos, temos contribuído com o nosso modesto óbulo para suavisar algumas. Somos, pois, impresionáveis, sentimentais, dotados, como soe dizer-se, de *bom coração*.

Pois bem. A mendicidade, tal como ela agora por cá se tem desenvolvido e se estadeia, reveste um aspecto tão extravagante, digamos assim, que não é comoção

o que desperta, mas, pelo contrário, indignação.

Imagine-se que no sábado passado, véspera da romaria de S. Tiago, romaria, aliás freqüentada somente pelos habitantes do concelho, e dêstes, em grande número, só pelos da cidade, contaram-se, por volta das 6 e meia horas da tarde, ao longo da Avenida Cândido dos Reis, nada menos de catorze mendigos, postados de um e outro lado, nos passeios, entoando cantilenas e mostrando a quem passava amputações e chagas horrorosas. Haverá nervos que resistam a um espectáculo dêstes?

Certamente que não.

Bem sabemos que se trata de um problema difícil, que apresenta multiplos aspectos. Mas por isso mesmo já não pedimos, por agora, que se suprima totalmente a mendicidade. Pedimos tão somente, às autoridades, que impeçam a entrada dos mendigos de outros concelhos, enquanto para os do nosso não arranjam maneira de impedir que êles tenham de recorrer à caridade pública.

Não é pedir muito.

Excursão do Grémio do Minho

Esta prestante colectividade, cujos serviços relevantíssimos à nossa província são já inúmeros, promove, para muito breve uma excursão ao Minho, excursão que está merecendo, da parte das entidades oficiais e das associações locais, os maiores carinhos e atenções.

Esta excursão faz parte de uma vasta obra de propaganda, que a direcção do Grémio resolveu realizar e que será devidamente orientada no sentido de intensificar o maior desenvolvimento económico desta província nortenha. Segundo a circular que a êste respeito nos foi enviada, acompanham a excursão alguns minhotos e outros portugueses de reconhecido mérito, cuja palavra autorizada se fará ouvir sobre os principais problemas de interesse regional e nacional. Virão também comissões especiais, incumbidas, igualmente, de promover nas sedes dos organismos locais, as necessárias conferências, a fim de se discutirem os assuntos de fomento económico e estabelecerem as bases para a organização de um mostruário industrial, a fundar em Lisboa.

O plano da obra que o Grémio do Minho se propõe realizar em Lisboa pode ser assim delineado:

1.º — Promover a convergência de tôdas as boas vontades e

valores mentais para uma confederação de interesses sociais, industriais, comerciais e artísticos.

2.º — Fazer uma intensa propaganda das riquezas naturais e artísticas e do progresso industrial e comercial, baseada nos seguintes elementos:

a) um mostruário industrial, permanente, com a respectiva repartição de informações e propaganda;

b) uma feira industrial, a realizar anualmente;

c) uma exposição de arte, a organizar anualmente, para apresentação de trabalhos de autores regionais.

«Pro-Vimarane»

Este número não pôde ser publicado no dia respectivo — o dia 20 — devido aos muitos afazeres do nosso Director. Como começa com êle o segundo trimestre, não houve prejuizo para os srs. assinantes, assim como não haverá para os srs. anunciantes.

Chamamos a atenção para o comunicado da Administração, inserto noutro lugar.

CASA DAS GRAVATAS

O mais completo sortido no género. Sempre as últimas Novidades. Vejam os nossos preços.

A vêr se pega...

Falando da próxima excursão do Grémio do Minho, o «Diário de Notícias», de 25 do mês que hoje finda, dizia, a certa altura o seguinte:

«Em Vizela, a formosíssima povoação do norte, uma das mais importantes terras do país, recomendada pelos mais ilustres médicos e que, em virtude do espantoso desenvolvimento que tem tido nestes últimos anos, bem merecia ser elevada à categoria de vila e sede de concelho, demorar-se-hão os excursionistas algumas horas».

Merece a vila de Vizela tudo quanto se diga em abono das suas belezas naturais e das suas águas maravilhosas. O entusiasmo do rabisgador da local foi, porém, longe de mais; voejou para largos horizontes, e daí a referência à... *sede do concelho*...

Efectivamente a altura não deixa de ser própria. Fala-se numa próxima reorganização administrativa...

Pois, senhores, a nossa opinião é, ainda hoje, aquela que com desembaraço emitimos quando do relatório do Dr. António de Cértima: — o pior serviço que alguém poderá prestar a Vizela será fazer dela um concelho!

Continuaremos.

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Sub-agência de Guimarães

A Direcção da Sub-agencia de Guimarães continúa trabalhando afincadamente para que o monumento aos nossos mortos da Guerra seja um facto. Para assentar definitivamente na realização de tal projecto, e para dar conhecimento aos homens da Guerra de diversos assuntos da vida interna da Liga, fez a referida direcção espalhar por todos os parocos dêste concelho e do de Fafe a seguinte circular:

«Sendo o único fim desta beneficente Agremiação prestar auxilio moral e material a todos os sacrificados da Guerra, bem como às suas viúvas e orfãos, e, tendo esta Sub-Agência conseguido, ultimamente, diversos beneficios para todos os combatentes sem que a maior parte dêles tenha conhecimento, deixando, portanto, de os usufruir, vimos por êste meio, rogar a V. R.ª a subida fineza de, na hora da missa conventual, tornar público de que todos os homens que estiveram na Guerra devem comparecer para seu interesse, no dia 3 de Agosto, às 10 horas da manhã, no antigo quartel de Infantaria 20, onde, a essa hora, se achará reunida a Direcção e lhes serão dados os conhecimentos necessários ao aproveitamento das regalias a que já teem direito.

Agradecendo a V. R.ª o favor que com isto presta às vitimas da Guerra, subscreve-se muito grata a

A DIRECÇÃO,

Domingos José Vieira d'Andrade
 Joaquim de Oliveira Torres
 António Esteves Pereira.»

Deseja adquirir um lindo vestido de lã ou seda ou de tecido de algodão em fantasia?

Vá à casa

HIGH-LIFE.

Louças e Artigos para brinde

O mais completo sortido
Casa Martins

Uma grande iniciativa em marcha. Um notável discurso. Guimarães vai possuir, finalmente, um Teatro?

Não permitindo a escassês de espaço publicar neste número integralmente o discurso que pelo sr. João Teixeira de Aguiar hoje será lido na reunião que se efectuará na Associação Comercial, limitamo-nos a reproduzir dêle alguns trechos.

Depois de agradecer a todos os presentes a sua comparência, de salientar a forma cativante como foi recebido quando das demarches preliminares da reunião e de especialmente se dirigir aos representantes da imprensa, diz:

Desnecessário alongar-me em considerações sobre o motivo e o fim desta reunião. Todos V. Ex.^{as} os conhecem. Reviveu, há tempos, por intermédio da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, o velho sonho de construir nesta cidade uma casa de espectáculos que mereça, sem favor nem vergonha, o nome de *Teatro*. Velho sonho este, na realidade, porque, no decorrer de várias décadas, êle tem interessado um ou outro vimaranense mais entusiasta, mais «carola», permitam-me V. Ex.^{as} a expressão.

Fazendo reviver um velho sonho, de modo a torná-lo magnífica realidade, a referida agremiação não procurava, nem procura, quaisquer louros para si. Foi e é seu único objectivo entregar ao carinho, ao amor bairista de todos nós, a efectivação dessa grandiosa iniciativa.

Logo após ter começado uma campanha nesse sentido, no jornal que é seu, a Sociedade de Defesa e Propaganda, sabendo que há tempos eu vinha pensando com grande interesse, na maneira de conseguir-se, com o esforço e ajuda de todos os filhos de Guimarães, a construção do teatro, dirigiu-se-me, por intermédio de um dos seus membros, pedindo-me fôsse eu quem, de então em diante, tomasse o encargo de promover tôdas as «demarches», para o que ficava com a mais ampla e completa liberdade de acção. Não houve maneira de esquivar-me. Eis o motivo porque vos falo neste momento, momento que é solene, não só para mim, que grandes responsabilidades assumi, mas, muito principalmente, para V. Ex.^{as}, para todos os Vimaranenses, porquanto, desta reunião há-de sair resolvido um problema importantíssimo da vida actual da nossa Terra.

Será necessário justificar a necessidade da construção de um teatro em Guimarães? Creio bem que não. A situação em que, sob este particular aspecto, nos encontramos, é deveras lamentável, pois emvergonha e deprime os nossos brios. São perfeitamente justas as palavras escritas algures a este respeito:

«Não se compreende que ainda não tenhamos um teatro decente e cómodo, quando constantemente andamos afirmando as nossas possibilidades de desenvolvimento e de progresso, quando a tôda a hora apregoamos calorosamente o nosso bairrismo».

Estou convencido, meus Snrs., de que vamos acabar de vez com um estado de coisas que tão mal

depõe acerca de todos os vimaranenses, mostrando que somos de verdade, capazes de trabalhar pela Terra que nos foi berço. Os meus conterrâneos têm nobres e belas qualidades. Questão é que elas, agora um tanto adormecidas, despertem para a luta pelo bem comum.

Refere-se, a seguir, à entrevista que concedeu a este jornal, reproduzindo quasi textualmente o que nela afirmou sobre as três maneiras pelas quais se poderá resolver o problema da construção do teatro. Sobre aquela que julga ser a única viável—a da constituição de uma sociedade anónima de responsabilidade limitada—reedita as considerações feitas na referida entrevista, fazendo de igual forma a demonstração cabal de que todos os vimaranenses podem, sem grande esforço, contribuir para a subscrição. A propósito faz estas afirmações:

A adaptar-se esta formula, única, repito, que julgo viável, desaparecerão muitas das dificuldades de realiação que têm sido apontadas.

Deve desaparecer, pelo menos, a mais importante, a mais grave:—A dificuldade de conseguir o capital necessário, pois que, como V. Ex.^{as} acabam de ver, desde que haja um pouco de boa vontade e um bocadinho de espirito de sacrificio, êle se conseguirá.

Visto que as dificuldades económicas não são tantas nem tão grandes como à primeira vista parece, vejamos agora se há ou não forma de acabar com as outras, ou de, pelo menos, as suavizar tanto quanto possível.

Creio bem que tôdas as dificuldades podem vencer-se, desde que a primeira e mais grave se vença. Para tanto, é absolutamente necessário, além do apoio de todos os particulares, o auxílio oficial.

Mas poderemos nós ter dúvidas quanto a êsse auxílio?

De modo algum. O auxílio oficial há-de juntar-se aos nossos esforços. Quando falo de auxílio oficial, refiro-me, especialmente, ao da Câmara Municipal. Ora, supor que pode haver edis que recusem o seu voto ao auxílio de tão grande, útil e indispensável iniciativa, seria uma enormidade. O Município de Guimarães, há-de, nesta conjuntura, saber cumprir com galhardia o seu dever.

Justificando a maneira como encara o assunto:

Conseguido o auxílio Camarário, auxílio que poderá traduzir-se em um sem número de facilidades, como, por exemplo, concessão de terrenos e de pedra, e obtida a adesão de tôdas as colectividades vimaranenses, especialmente desta utilíssima Associação Comercial, e de tôdas as entidades que aos interesses regionais se dedicam, que mais será preciso para a vitória?

Dir-me-hão:—«O Senhor é demasiado otimista».—«Nada se consegue com a facilidade que o Sr. vê as coisas».

Deixem-me V. Ex.^{as} que, até para honra de todos nós, eu seja otimista. Pois eu poderia ser pes-

simista sem ofender os brios de V. Ex.^{as}, de todos os vimaranenses, de tôdas as colectividades e entidades oficiais da nossa terra?

Eu já demonstrei o essencial:—que é muito mais fácil do que poderia julgar-se, o conseguir o capital considerado necessário.

Parto do princípio, *que é certeza absoluta*, de que não faltará o auxílio oficial. Sei que posso contar com tôdas as colectividades.

Sendo assim, pergunto: o que poderá impedir a construção do **TEATRO**?

Uma só coisa—respondo eu próprio:—a falta de subscritores, a não concorrência à subscrição. Quer dizer:—*O teatro construir-se-há se os cidadãos vimaranenses souberem cumprir o seu dever*; no caso contrário, contaremos na nossa história mais uma bellissima ideia morta.

Dêste dilema não há sair. Vejam V. Ex.^{as} quanto seria deprimente que alguém pudesse, com justiça, afirmar que os vimaranenses não souberam cumprir o seu dever.

Teem V. Ex.^{as} explicada a razão do meu otimismo.

Depois de propôr a escolha, finalmente, de uma grande Comissão Executiva, que ficará encarregada de promover todos os trabalhos para a organização de uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, comissão que deverá, por sua vez, organizar imediatamente sub-comissões, para o que dividirá o concelho e a cidade em zonas correspondentes às necessidades e conveniências da subscrição, conclui da seguinte maneira:

Ainda antes de terminar, mais algumas palavras, necessárias para evitar possíveis, aliás, justificáveis observações.

O ante-projecto do teatro a construir, que foi exposto ao público, não é, como o seu próprio nome o diz, definitivo. Trata-se de uma indicação, de uma sugestão—se assim lhe posso chamar—realizada por um tão grande, quão modesto artista da nossa terra. Está delineado para ser adaptado ao terreno que me pareceu reunir o melhor número de condições. Julgo que poderá ser o ponto de partida para um definitivo projecto. Para tanto, bastam pequenas modificações. Contudo, mais uma vez, repito: não quero sobrepôr-me às pessoas competentes que hão-de resolver definitivamente sobre o assunto.

E' tempo de concluir, pois demais tenho abusado da atenção de V. Ex.^{as}.

Meus Senhores:

Nesta cruzada em que ponho todo o empenho, pela qual me bato e baterei com todo o esforço, com tôda a boa vontade de triunfar, move-me, confesso, a ambição e a vaidade:—a ambição de tornar mais bela, mais digna, mais elevada a minha terra; a vaidade de saber cumprir para com ela o meu dever.

A minha especial missão termina aqui. Agora são V. Ex.^{as} que teem a palavra, são os Vimaranenses, todos os Vimaranenses, que vão falar.

Um sonho irrealizável?

Termina com esta pergunta a carta de um nosso leitor, que nos parece ser um maduro muito grande e que se assina «Amigo de velharias».

Versa a epístola o assunto—Parque à volta do castelo.

Um trecho:

«Quando se fizeram à volta do castelo aquelas bellissimas obras, dirigidas pelo brilhante espirito artistico de José de Pina, que tanto contribuíram para fazer avultar a grandiosidade e imponência das sagradas pedras da vetusta fortaleza, houve quem julgasse, e eu fui um desses, que dentro de pouco o parque seria uma bela realidade. Quiz a força das circunstâncias que mestre José de Pina não pudesse continuar a interessar-se oficialmente pelo caso, e desde então nunca mais ouvi falar em tal coisa. Que me diz V. Ex.^a sobre isto?».

Dizemos-lhe que vá bater à porta de quem lhe possa responder.

V. Ex.^a deseja adquirir um vestido ou um casaco de **Grande Novidade** em seda, lã ou fantasia?

Vá à **CASA HIGH-LIFE** e ali encontra um sortido completo a preços reduzidos.

Vendas só a dinheiro.

DIVÓRCIO

Por sentença dêste Juízo, de 30 de Junho findo, a qual transitou em julgado, foi decretado o divórcio entre D. Ludovina Maria Ferreira Guimarães, doméstica, da Rua Trindade Coelho, desta cidade, e Virgílio Machado Leite, negociante, ausente em parte incerta, pelo fundamento do n.º 5.º do art. 4.º da lei do divórcio, em acção proposta por aquela.

Guimarães, 11 de Julho de 1930.

O Escrivão do 2.º Offício,
Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei a exactidão.

O Juíz de Direito,
Raúl Alves da Cunha.

PRÉDIOS

Recebem-se propostas para a compra da magnífica Quinta de Rabiços em Creixomil, e vendem-se também 5 moradas de casas na Calçada da Pisca, na mesma freguesia, sendo duas de um andar com um bom campo anexo e uma sorte de mato no monte de Regadas.

Falar com o feitor José Fernandes. Rua de Santa Luzia, 135.

CASA PIMENTA
 DE
ALBERTO PIMENTA MACHADO
 FIBIAL - Rua 31 de Janeiro

Completo sortido de tecidos de algodão e lã para vestidos. Enorme variedade de casimiras para fatos. Estambres e elasticotines, ingleses.

NÃO COMPRAR SEM VER OS SEUS PREÇOS.

CASA HIGH-LIFE
 MODAS CAMISARIA GRAVATARIA

Lúvas, colarinhos, meias, peúgas, perfumarias, sedas, sultanas, foulares, crêpes, setins, artigos de bordar, tecidos de lã lisos e fantasia, malhas, rendas, echarpes, véus, miudezas diversas, bôlsas, castúres, sombrinhas em cores e preto, brefanhas e muitos mais artigos de que só nesta casa se encontra um grande sortido a preços muito reduzidos. **SEMPRE NOVIDADES. VENDAS SÓ A DINHEIRO.**

ATOALHADOS E LINHOS *Completo sortido de todos os tecidos próprios para enxovais*

Gonçalves & Castro, L.^{da}
 GUIMARÃES

Largo Prior do Crato, 7-8-9

Lindas colecções de bordados de Guimarães e uma grande variedade de tecidos para roupas interiores

Preços das fábricas

Papelaria - Perfumarias - Tabacos
 Gramofones e discos - Radiotelefonía
 Papéis de embalagem - Fio - Papelão

CASA IDEAL
 JOAQUIM LEITE MONTEIRO

28, Rua 31 de Janeiro, 30 - Telefone 181 - GUIMARÃES

CASA DE SANTA TERESINHA
 122, Rua da República, 122-A
 GUIMARÃES

Papelaria e Livraria - Artigos religiosos - Objectos de escritório
 Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.^a Comunhão, Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários, Pias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

ALFARIMARIA DE RIBEIRO, FILHO

participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber um enorme sortido de artigos de verão, em lindos padrões

Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.

9, Largo da Misericórdia, 10 - Telefone, 177 - GUIMARÃES

A boa reputação dos nossos artigos e transacções vai a toda a parte

OLIVEIRA & SILVA, SUCESSOR
 MODAS E MIUDEZAS

28, Praça D. Afonso Henriques, 31 (Toural) - GUIMARÃES

Sedas lisas e de fantasia, tecidos de lã para vestidos e casacos, etamines e tecidos de algodão, meias de seda e algodão e muitos outros artigos.

Preços sem confronto.

CASA REBELO

117 - Praça D. Afonso Henriques - 118
 GUIMARÃES

Completo sortido em tecidos próprios para a estação de verão a preços baratíssimos.

Fazendas brancas e miudezas.

Visitem esta casa

CASA MARTINS
 A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para *Senhora, Homem e Criança*. Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percais para Camisas. Gravatas, Chapeus, Sombrinhas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Calçado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

Bom, Bonito e Barato
 Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

Francisco Ribeiro de Castro

Papelaria e objectos de escritório - Perfumarias - Tabacos
 Representante em Guimarães e norte de Portugal das Ginetas Conklin - Endura

Casa das Novidades	Artigos fotográficos	Papelaria Central
Rua da República, 108-A e 105-A	Telefone n.º 149	FILIAL
Rua Gravador Molarinho, 1 e 3	GUIMARÃES	Praça D. Afonso Henriques, 12 e 13